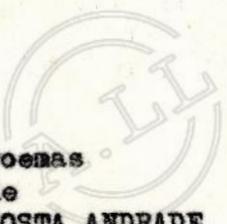


COSTA ANDRADE



O GUERRILHEIRO
E O AMOR DISTANTE



Poemas
de
COSTA ANDRADE

Do mesmo autor:

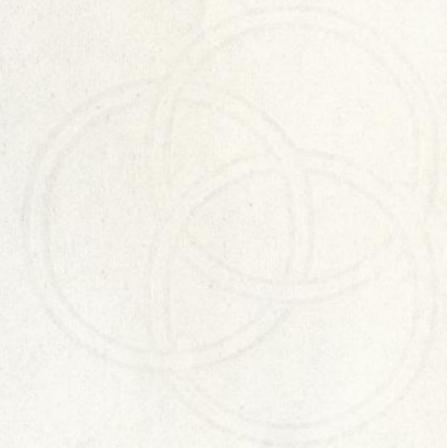
Terra de acácias rubras
Tempo angolano em Itália
Canto de acusação
e o capim nasceu vermelho





O GUERRILHEIRO

ДИМОРАТЪ АСТИХЕ
WWW.MARXIST.COM



Para
G. S. - "JIKA" e
F. N. - "DIMBONDWA",
Companheiros do maquis



WWW.MARXIST.COM
ДИМОРАТЪ АСТИХЕ



14 de A B R I L

Kissanges de vento chorando
flores sem nome murchando
chanas de abril secando
mães de olhos secos calando
14 de Abril, Comandante!

São guerrilheiros marchando
são pioneiros cantando
flores sem nome desabrochando
kissanges de vento tocando
marchando em frente e cantando
cantando em frente e marchando
14 de Abril, Comandante!

Da voz da terra sangrando
Hoji ia Henda avançando
Filho do povo marchando
Com o povo inteiro avançando
14 de Abril, Comandante!

Pioneiros em frente cantando
cantando em frente e marchando
o povo inteiro marchando
marchando em frente e cantando
Guerrilheiros de Henda marchando
marchando em frente e cantando
marchando, marchando e cantando
marchando, cantando e vencendo
14 de Abril, Comandante!

ESTRELA NOVA

O dia amanheceu tão calmo
que dir-se-ia todo mar e linha d'horizonte.

Olhámo-nos como se nunca despertados
pressagiando corvos à distância.

Um remoinho estreito sacudiu a chana
papagaio de papel de um menino só.

Na direcção oposta regressavam companheiros
pó, cinza e suor estátuas mudas e cansadas.

O ruído repentino anunciou-nos o caminho das trincheiras
e a bomba rebentou depois d'alguns segundos.

Caíram muitas mais, dispersas e cobardes
até que o fumo também partiu envergonhado.

Entre nós apenas um, não era estátua mas bandeira
e sorria fixamente olhando fixamente o sol nascente.

O companheiro que perdemos era jovem
o mais jovem e o melhor entre os melhores

Uma lágrima por sudário eterno o acompanha
e em nós a sua imagem é uma estrela nova

força capaz de arrastar montanhas, desviar os rios
rios e montanhas dá amor, merecendo a vida.

3

O I N S T A N T E

... e há sonhos para nunca mais realizados
tal é o instante

preciso

que antecede a bala

O pensamento longe do caminho
flutua sobre as ondas
duma qualquer recordação banal
O peso da arma aos ombros
a monotonia dos passos
o cansaço
as folhas secas
tudo mergulhou profundamente
no sono de algo bem amado que ficou.
Os nervos que há momentos estavam tensos
lançando os olhos como setas
bússola dos ruídos da floresta
repousavam uns segundos
do tempo de poesia
no instante

preciso

que antecede a bala.

Porque esse homem
que rasga a paisagem
pisando a terra alheia
às vezes também sonha ser humano.
Procura a fuga
quer dar-se
e dar a mão aos ecos
mas só no instante

preciso

que antecede a bala.

E quando a bala
feriu o silêncio carregado
prostrando homens sobre a terra
não foram assassinos que os mataram.
O guerrilheiro também vive
um tempo de poesia
como a vida de uma bala
na emboscada dos murmúrios
apenas respirados.

O guerrilheiro é terra móvel
decisão de liberdade
na pátria raivosamente escrava.

A E M B O S C A D A

O dia estranhamente frio
o tempo estranhamente lento
a vegetação estranhamente densa
a estrada estranhamente clara
todos estranhamente mudos
placados e estranhamente à espera.

Um tiro
e as rajadas uns segundos

até que estranhamente duro
o silêncio comandou de novo os movimentos.

Talvez fossem homens bons os que caíram
mas cumpriam estranhamente o crime
de assassinar a pátria alheia que pisavam.



6

ATÉ QUE OS HOMENS...

Para
Monimambo
Comandante das guerrilhas
Angolanas

que o vento vente mais e enlouqueça
que a lua tarde mais em aparecer
e o sol abra crateras nas cidades
que as pedras a rolar encham os vales
que a vontade empurre forte as decisões
que as convulsões do mar tinjam de sangue
o arco-iris das bandeiras opressoras
até que os guerrilheiros despedacem os impérios
até que as acácias possam florescer e cantem
até que os homens amanheçam nos seus lares.



7

AMOR A PAZ

Odeio a guerra
ainda mais que os pacifistas
quando empunho as armas
do caminho à vida.
Odeio a guerra
porque sinto as pulsações
da distância humana.

Odeio a guerra
mais que as pombas de S. Marcos em Veneza.
As florestas que me abrigam
são cariátides que tombam
na terra espezinhada
pelo desespero dos vencidos

Odeio a guerra
mais que os beijos dos amantes.
Os carinhos, um livro de poemas
ngoma em noite de lua
mensagens do mundo que me roubaram
só as trazem os beijos de vento
no instante imperceptível da lembrança.

Odeio a guerra!

Onde está Ray Charles
para cantar-me um pouco de mar?
Minha Mãe
vem embalar o teu menino
que já não escuta histórias de ninar.

Ainda ontem
aqui estavas
companheiro em flor
ceifado pela guerra.

Daquele retrato de escola
restamos alguns apenas.

8

Odeio a guerra
universo de lobos
tragando vorazes as esperanças.

Deem uma arma a cada homem que seja humano
Deem uma arma a cada guerrilheiro
que os lobos
serão sepultados com a guerra e com as armas.

Quero que os lobos sejam sepultados!

Quero que a continuidade
divirta em colorido os parques
onde os velhos leiam calmamente
os jornais diários.

A dialética da dúvida e do saber
levará o homem aos outros astros
e haverá beijos e abraços no regresso
que as emissoras de televisão
mostrarão a toda a gente
A ficção perdeu então o nome
para chamar-se *→ Vitória da Ciência*
o Homem
o mármore a poesia
e o calor dos trópicos
os cachos de uvas saturados de amor.

Eu sei que tudo isso
é fantasia.
Dirão que sou romântico
aventureiro
para outros um cartaz
das marchas de protesto,
os policiais
dirão que sou um criminoso.

Odeio a guerra
e lutarei
até que os lobos sejam sepultados
até que o mar afague morno
os pés dum guerrilheiro
sentado em paz
na areia

3

... e as recordações
hãõ-de embaciar os olhos
orvalho da manhã
dos que venceram.

O guerrilheiro
odeia a guerra
ainda mais que os outros homens.



10

HUMANIDADE NOVA

As marchas
a fome gritando alto
a sede calando as bocas
Os músculos
levados à essência
da sua utilidade
A arma
confiada ao braço
agil
Os olhos
penetrando o verde
das lianas
Corpos suados
amando a terra
manta de capim cobrindo
a voz, a forma, o gesto
Os nomes
simbólicas menções
clandestinamente absorvidas
pelo ventre das montanhas
As horas
silêncio companheiro dos sinais
linguagem de homens
e do diálogo repousante com o luar.

São as marchas
os músculos
a arma
os olhos
o nome
as horas
e o que pensa
o que define o homem aberto à terra.

Mas esse homem
companheiro
do segredo heróico da vida pelo futuro
lágrima secreta
das mães
ou das noivas que esperam
gesto de entusiasmo
das multidões de jovens
amizade fraterna
decisão de rocha
raiva à escravidão
amor à liberdade

é um guerrilheiro apenas
humanidade nova

19

P O E T A

O poeta é um homem só
se persistir ser poeta.
A poesia não são versos
nem palavras ritmadas
que um homem só
escreve e sente.
Poesia é um corpo da vida
parte integrante do homem
que sabe e sente ser homem
todo o homem que ama e sente.



G R A T I D Ã O

À memória
de Augusto Ngangula

Quero ver aqui
junto ao corpo frio
de um jovem de 12 anos
que não teve infância
crianças com lápis e cadernos
para que aprendam
a escrever-lhe o nome simples.

Quero ver aqui
perto deste chão manchado
do sangue de um jovem de 12 anos
as mães livres dos outros meninos livres
da mesma idade.

Quero ver aqui
junto deste herói silencioso
morto aos 12 anos
por ter nascido colonizado e negro
os homens que olham de pé
para a igualdade dos homens.

Quero ver aqui
junto deste corpo desfeito
pelo modo português de estar em África
a dissonância dos que gritam contra a guerra
quero ver aqui
junto ao peito corajoso
dos que morrem
construindo a harmonia do mundo
todos os que falam de amanhã
e prometem horizontes.

Quero ver aqui
neste terreiro camuflado
verde de verde saturado
aqui onde a humanidade amordaçada
há cinco séculos
se levanta
as armas de todas as origens solidárias
única certeza
da abertura das estradas e dos ventos.

13

Aqui junto desta criança morta
porque não quiz trair Angola aos 12 anos
quero ver todos os mares
todas as praias
com seus barcos de vogar.

Eu quero ver aqui
os homens que entendem os espaços
e acompanham os voos cósmicos
e transplantam corações
e escutam Luigi Nono
e cantam spirituals
e visitam exposições de arte
inclinam-se
frente a este corpo esfacelado de 12 anos
por um machado português
talvez condecorado por obras valorosas.

Quero ver aqui
os homens sem compromisso
para que possa enfim despir-me
da raiva dos rochedos.

Quero ver-vos aqui
para abraçar-vos
e chamar-vos companheiros
da gratidão aos mortos.

Augusto Ngangula, pioneiro angolano das escolas do M.P.L.A.
morto aos 12 anos de idade, no dia 1 de Dezembro de 1968 a golpes
de machado por soldados portugueses a quem recusou informar a lo-
calização de um acampamento de guerrilheiros.

Recebeu póstumamente o título de Pioneiro Heróico do M. P. L.A.

NOTA: 1 de Dezembro, data da independência nacional portu-
guesa da dominação espanhola.

A P A U S A

agrade-ci-te
a caneca de água fresca que me deste
na pausa de oito horas de caminho
e tu palmas suaves e sorrindo
trouxeste ainda
favos cheios de mel para oferecer-me.
... e olhavas repousando-me o olhar
jovem lovale de olhos lindos e serenos.

Ao levantar-me para prosseguir a marcha
embora houvesse uma arma em minhas mãos
de guerrilheiro
havia também flores para cobrir-te
a cicatriz de guerra
que te rasgava o peito
e lhe feria a formosura

Oh força dos meus braços!



15

8. ANIVERSARIO

As crianças que hoje completaram
oito anos
em Angola
nasceram com a morte dos heróis.
Crianças de quatro de fevereiro
por berço a chamada à liberdade
e por dever lutar e conquistá-la.
Vossos pais tombaram
na decisiva madrugada.

Oito anos em que a morte forja a vida
em que os mortos não são mortos
mas eternos
Crianças angolanas de oito anos
cantem nas matas ou nas chanas
abafai com vossas vozes a metralha,
(com as vossas gargalhadas
já cantam beija-flores e siripipis)
porque antes de serem homens
crianças angolanas de oito anos
será vossa, soalhenta e livre
esta terra coberta ainda da neblina
das algemas

Lufuiji, 4 de Fevereiro de 1969

AMOR DISTANTE

"Et je ne sais plus tant je t'aime
Lequel de nous deux est absent".

PAUL ELUARD

à Xaro



1 a partida

As horas chamaram-me.

Porquê que o tempo tem medida
e abre com punhais e seu avanço?

Por medo
não olhamos os relógios
nem em torno
nem nos olhámos
não nos falámos
com medo que as palavras
as luzes
as coisas
nos prendessem com cadeias inquebráveis.

Eram retratos dos pais
e dos amigos
as casas velhas
o nosso quinto aniversário
as praias e os navios grandiosos
e que viámos.

Os murmúrios desgarrados
das presenças
parecem lianas poderosas.

Mas quem mede o tempo agora?
Quem tem coragem de dizer-me
que o tempo é um comandante
com plumas nos dedos ansiosos?

Oh paisagem da minha infância!
Oh mulemba solitária!

As praças estão mais iluminadas
a gente fala mais
as vozes mecanizadas
anunciam a partida de aviões
para Toquio ou Buenos Aires
não importa.

Corpo presente eu sinto as tuas mãos
humedecidas
como se os olhos se tivessem transplantado
para chorar escondidos do luar
e da hora exacta.

19

Longe
os homens morrem sob a fúria americana de matar
e nós aqui sem palavras
sem gestos sem silêncio
não sabemos se a partida se retarda
não sabemos nada
queremos nada saber como se pedras
como se asfalto que encurta os polos
dos dois mundos em rotura.

Mas quem é esta gente
que nos recorda sermos dois
nos instantes que antecedem o vulcão?

Não quero ouvir ninguém!

Não quero ouvir ninguém
que eu sou um homem transformado
em temporal.
Eu não inventei os aviões
nem construí os aeroportos
apenas me descobri discriminado
homem sem sombra
eu a quem roubaram a juventude
e os ecos.

Eu vou partir
pagar um preço
para ser um homem igual
ao mundo
e pelo mundo em frente.

Não afastes o teu rosto desse espelho
quero olhar-te assim sem que me vejas
quero descobrir-me um braço mais
o que parte a empunhar metralhadoras
e os que ficam para estreitar-te
num abraço permanente.

A morte pode talvez surpreender-me
um guerrilheiro pisa caminhos
que ninguém traçou nos mapas
e a moradia dos seus passos
é um medo feito de mil coragens
reunidas
no dever
e no amor de olhar a própria terra
como quem beija um botão de rosa.

Não alongues o olhar agora
que te vejo mais serena
quero beijar-te como se beija uma laranja sequioso

um laranjal que nos perdesse
para sempre
entre os seus perfumes acres
e suaves.

Deem-me laranjas
deem-me laranjas tão doces
que os meus lábios
saibam pronunciar apenas paz
e desconheçam lágrimas de sal
e corações que batam apressados.

Os canhões as armas esperem do futuro
museus da bestialidade humana
a liberdade seja o fruto do pomar inesgotável
configurado nas mãos de todos os que amam.

Até que eu desapareça não te movas
dos vidros que dentro de momentos
serão intransponíveis.

Deixa que te fixe um gesto que não mude
e me acompanhe
e me confunda
entre o estar presente e a ausência.

Agora
agora meu Amor
que se iniciam os passos da distância
podes chorar
ficar tranquilamente
olhando o mar
porque só partem
os guerrilheiros
que amam a terra
totalmente
e a possuem
e engravidam
com o próprio sangue.

2 a distância

As folhas em leque das palmeiras
 cobertas pelas águas
 pedem socorro
 e eu estendo-lhes a mão
 mas os meus dedos
 não chegam a tocá-las.

Um esforço ainda nas em vão.
 A impossibilidade do ghetto
 de deixar de sê-lo
 na roda do sistema
 sobrenada
 espelha-se.

Os antepassados perderam-se
 nos porões dos grandes oceanos
 flutuaram os fortes
 venceram a largura das marés
 e passaram séculos
 até se descobrirem
 homens negros com raízes novas.

As minhas mãos não chegam
 às palmeiras
 cresce a separação
 como o retrato de família que me liga
 aos avós dos meus avós
 que nunca conheci.

Tive apenas uma avó a acarinhar
 os poucos dias da minha infância.
 O sal dos livros que falam de coisas proibidas
 havia de apontar-me
 geração do sacrifício luminoso
 após cinco séculos obscuros.

Uns partiram antes
 outros virão depois
 até que as armas se tornem rolas e perdizes.

Mas quem roubou a minha infância?
 Quem me roubou os anos juvenis?
 Quem me separa de mim?

É mentira
 é mentira que o regresso ao país dos sonhos
 traga vida e calor à solidão.
 O regresso deve embandeirar-se
 de buganvilias cassuarinhas e acácias

de palmeiras altas e azuis.
 Esse é o encontro com as algemas quebradas
 e uma oriança perguntando
 - Para que servem estes ferros papá?
 - Para brincar e recordar, meu filho...
 Esse é o regresso.

A partida agora faz-se a passo marcial
 uns partem para o norte
 outros vão abrir destacamentos avançados
 quando voltem as patrulhas
 da missão
 cumprida.

Percorrem-se as distâncias sem relógios
 para que o tempo seja menos tempo
 e a distância menos distância.
 A paisagem transforma-se repete-se.
 Acolhe-nos o mel os cogumelos
 a china a kikuanga
 e há amor na sua entrega
 para que tenhas alguém
 junto de mim
 como pétala vermelha da tua flor
 que para sempre não murchasse.

Há mandioqueiras no caminho
 e fomes
 insaciáveis fomes corajosas
 e fugas de fome
 desertos com pégadas velhas de animais
 e fomes
 areias e rios e peixes
 e árvores caídas
 ruínas com limbondwas
 e fomes
 fumos proibidos e colmeias secas

solitárias bebedeiras de amargura
 e de desejo
 na companhia de um tronco velho ardendo
 lentamente.

Há sobretudo
 termitas roendo os tigres imaginários
 termitas roendo a alma dos auantes.

A distância é um rio enorme
 sem ponte e sem canoa
 Amor distante e não perdido
 eu vejo-te mesmo sem olhar-te
 e não sei sequer a direcção do vento
 porque nada mais inconstante
 que o vento das matas angolanas.

A lenha apaga-se calma vagarosa
 já não se ouvem os motores.
 A África transpõe idades longas
 mas a terra ainda se não alcança.
 Nunca mais será fechada a porta
 como não seca o sangue que a abriu.

Fora daqui homens filhos de corsários!
 Aqui não existem neves.
 Fora destas serras que são minhas
 destas mangueiras abandonadas
 Fora
 sanguessugas da seiva
 do carvão dos sonhos!

Não quero ver-vos.
 Não quero ver-vos mais
 para que a rotura se não transforme em ódio.
 O compromisso é impossível
 não o permite o terreno
 onde pisaram as vossas botas.

Consigo apenas perdoar-vos
 a ausência de mim que fiquei amando
 além das oliveiras e dos mares.

Percorro com os olhos
 a imensidão do afastamento
 e encontro a ausência
 a solidão
 não a vez
 o eco
 a ordem
 ou a carta

a ausência sim
 através do gravar do tempo
 as horas
 no painel do amor distante.

3 a ausência

Nem o capim das chuvas
a vegetação espessa esconderijo das palancas
impedem o eco de ser eco
nem as chafas inundadas
ou as águas sem medida
do Zambeze preguiçoso.

Niasmas que os canhões não assassina
milhões de poeiras
alados malmequeres
trazem-me aquela árvore da rua
frente matinal do nosso começar o dia.

Aqui
nos rostos destes homens de pensamentos seculares
totémicas
tatuadas configurações
e crenças milenares
dão-me a exactidão da tua ausência.
A lenta sucessão das horas
na mata plasmada pelo vento
a ninguém endereçado
é a linguagem única viva
o barómetro das chuvas e do sol
o radar dos bombardeiros.

Às vezes os morteiros e bazookas
lembram
que a solidão também é um elemento
da guerra libertadora.

Então não há cansaços
nem mortes que imponham compromissos.
Em frente!
Sempre em frente
com a ausência do amor distante
por um amor mais largo
capaz de unir a liberdade
e a presença.

E quando o luar esboça caprichos
entre as termitas de cabeças luminosas
não são desejos
não são volúpias
(a lenha arde crepitando)
não são sôquer os beijos
de fantasmagóricas borboletas
o que preenche a solidão
e o vazio amargo
de um calor que abraça.

25

São retratos fugazes
darei postais em cor
um filme projectado
sobre o écran móvel das nuvens:
aquela ida juntos ao cinema
já depois da sessão ter começado;
aquela vez que fomos comer salsichas com mostarda
ao parque dos correios;
não é nem mesmo a última das cartas recebidas
é a insignificância

todo um mundo
da pergunta diariamente repetida:
"Me quieres?"
é o silêncio de estar ambos presentes
até na compra do jornal diário
do pão ou do leite de manhã
na leitura de um livro policial
a quatro olhos

deitadas
seguro pelas minhas mãos
enquanto Beethoven
(quantas vezes Ray Charles...)
completava o quadro dos amantes.
Não! Não eramos burgueses
Nem a ausência sugere imagens
bucolicas

de Jantares na erva.
Picasso terá traçado da ausência
que te evoca
duas linhas que se cruzam duas vezes
com o espaço entre os dois encontros
coberto de vermelho.

Capitães de um barco
de rochas e azul sereno
por todos nós
assassinaram Che
porque vulcão em chamas
da nessa afirmação.

Nem românticos nem burgueses!
Que este afastamento é um chamado
de uma rajada de AK
uma camisa verde escuro
uma calça verde escuro
um par de botas
um sacador

e o orgulho de ser
o orgulho de estar
o orgulho de participar
do sonho
de pátria.

4 a evocação

Porque será que as flores não têm nome
em tshokwe em umbundu ou em lovale?

Talvez porque a flor não é um alimento
senão para os olhos e as abelhas.

(Dei o teu nome a uma delas.)

Uma flor viva de cinco pétalas varmelhas
crespadas como dedos na leitura de um poema.

E não há solidão que interrompa
o diálogo entre nós.

Es tu sempre presente
sem a necessidade do sonho para ver-te.

Os kissanges silenciaram
as caírem bombas
e do vazio deixado
germinaram decisões:

Kapitu-pitu pimbi para sempre!
Pimbi como um eco potente
indomável como elefante solitário.
Pimbi para sempre
no trovão na azagaia
na catana
e nas armas automáticas
no denominador comum
de expulsarmos dos nossos horizontes
o atávico combatente pela morte.

E quando a calma volta as árvores e colmeias
não necessito do sonho para ver-te

Amor distante
cor canela dos meus anseios insulares.

Olhos mais quentes
que as quatro estações de Vivaldi.

Então eu amo-te
até ao paroxismo dos imbondeiros
e do farfalhar das folhas de setembro.
Os peixes brincam nas inundações das chanas
As libélulas acompanham os gestos e os sons
da Fábrica Iluminada
E o desfile não acaba nunca mais.

28

São as esculturas de Tombucutu
que dão mãos ao suspiro inca de Machu Picu.

Tu presente
no regresso à terra das acácias.

O ardina de voz rouca
lança grátis
a tiragem especial
com o título maior
I N D E P E N D E N C I A !

A quitandeira oferece os cocos e cajájas
aos meninos de olhos gulosos.
Há cor nas camisas de chita limpa
Maracujás
e goiabas
dão vermelho carne
aos lábios dos dezoito anos
e as costureiras
os mecânicos
as pernas arqueadas
dos corredores do estádio dos coqueiros
e a maralha do Huambo
de Benguela
ou de Moçamedes
as tradições huilanas
as laranjas de Caimbambo
e as do Loge
Os mutilados do Sanbizanga e do Moxico
Os retratos vivos do Henda Brica e do Kimbanda
e tantos mais
e os vivos passam
- Quem é aquele barbudo sorridente?
- É o Ingo um herói de Nambuanguo!

E tu presente.

A multidão não pára de passar
não pára de gritar.

Tu sempre presente
não necessito do sonho para ver-te

São os poetas
O Jacinto o Luandino o Cardoso.

Lembras-te do velho Câmara
e do Castro Soromenho?

Os pescadores os canoeiros
os caçadores os caminhantes
os guias da floresta
os pioneiros
e tu presente
real
sem necessidade do sonho para ver-te
a multidão
os guerrilheiros
o povo
e nós presentes povo.

Mas esta é a evocação do dia total.

Agora
Agora és tu Amor distante
quem eu evoco
para que tragas força
aos meus desânimos
quando descubro vermes fartos
de calúnia
pisando de longe
o cadafalso faminto dos que lutam.

É a ti que eu evoco
para que a imagem me não mostre
os musgos anafados
dos que têm muito que fazer
para não virem perfilar-se ao nosso lado.

É a ti que eu evoco
amor igual a ti que és mais que amor
quando recordo
o sangue
dos que trouxeram pra mais perto
o Dia Total
do encontro e dos abraços.

É a ti que eu evoco
quando a raiva
impossível de conter
lança granadas
preme gatilhos
contra a teimosia bestial dos assassinos.

É a ti que eu evoco
Amor
de pé
homem realizado enobrecido
na dureza que tragamos
povo e decididos
a marchar descalços
nus vãos e mortos
para o Dia Total.

30.

É a ti
Amor de nome que dei a uma flor
sem nome
da floresta.

É a ti
a quem sorrio
a quem desejo
e possuo
quando o sonho persiste em embalar-me.

É a ti
a quem evoco
Amor distante
vida terra e ar
luz e sol e primavera

tu que és com a Pátria
o Amor e a Pátria
tu que és com a arma
o Amor e a arma
tu que és com o futuro
o Amor ainda maior.

É a ti
a quem evoco
som de uma dicanza
e de violino
nas minhas mãos calejadas
de poeta
que escreve versos com enxadas
e metralhadoras
e lições aos que sabem menos
companheiros rumo ao Dia.

É a ti
meu Amor
corpo presente em todos os instantes
sem necessidade do sonho para ver-te
a quem evoco
nas horas guerrilheiras
da afirmação
por uma nova humanidade.

Mexico, Fevereiro de 1969